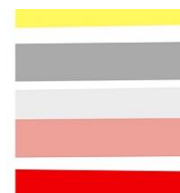




AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



O MUNICÍPIO DE EMBU DAS ARTES E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

THE MUNICIPALITY OF EMBU DAS ARTES AND ITS HISTORICAL CONTEXTUALIZATION

Profa. Ma. Maria do Carmo Mota
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
maducasp@gmail.com

Resumo: A cidade de Embu das Artes está localizada a quase 30 quilômetros do centro de São Paulo, Brasil, e seu nome traduz sua alma. Embu, como carinhosamente é chamada, é um município com muita riqueza histórica, cultural e artística, tornou-se um grandioso pátio de escultores, poetas, pintores. Atualmente, destaca-se como uma grande vitrine a céu aberto, que acolhe vários tipos de obras que vão desde peças de obras contemporâneas até artesanato indígena, que ficam expostos em barracas móveis na famosa “Feira de Arte e Artesanato”, ou ainda em galerias e ateliês que enfeitam suas graciosas e acolhedoras vielas. Historicamente, a localidade de Embu das Artes se mostrou importante devido os próprios intentos futuros da Coroa Portuguesa em expandir seus domínios no sentido do interior do estado e do sertão paulista. Posteriormente no século XX as características de seu desenvolvimento histórico-geográfico e cultural, deu-se pelo fato de ter sido uma cidade que acolheu muitos artistas, tanto no ramo da pintura quanto da escultura. Isso fez com que ela aportasse diversos eventos turísticos, que aliados à questão do artesanato, chamaram a atenção da sociedade nacional e internacional.

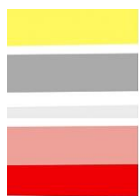
Palavras-chaves: Educação, cultura, Embu das Artes.

Abstract: *The city of Embu das Artes is located almost 30 kilometers from the center of São Paulo, Brazil, and its name translates its soul. Embu, as it is affectionately called, is a municipality with great historical, cultural and artistic wealth, has become a grandiose courtyard of sculptors, poets, painters. Today, it stands out as a large showcase in the open, which hosts various types of works ranging from pieces of contemporary works to indigenous crafts, which are displayed in mobile stalls in the famous "Arts and Crafts Fair", or in galleries and ateliers that adorn their graceful and welcoming alleys. Historically, the locality of Embu das Artes proved important due to the Portuguese Crown's own future attempts to expand its domains towards the interior of the state and the backlands of São Paulo. Later in the twentieth century the characteristics of its historical-geographic and cultural development, was due to the fact that it was a city that welcomed many artists, both in the field of painting and sculpture. This made her contribute to various tourist events, allied to the craft issue, attracted the attention of national and international society.*

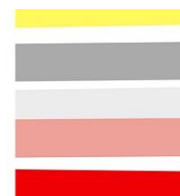
Keywords: *Education; culture; Embu of the Arts.*

1 Introdução

Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE, estima-se que no ano de 2015 a população do Embu das Artes, seja em média de 261 mil habitantes, distribuída em uma área de 70.398 km². Até o ano de 2013 acolhia mais de 4.400 empresas,



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



mas podemos afirmar que a grande concentração econômica da cidade está aglomerada no centro histórico¹.

A infraestrutura da cidade é privilegiada, o município de Embu das Artes possui 59% de seu território em áreas de proteção aos mananciais, faz parte da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da cidade de São Paulo e está inserido no Bioma Mata Atlântica. O verde está em toda parte, com belos cenários, paisagens exuberantes e inúmeras opções de lazer. Caminhar no centro histórico é uma deliciosa viagem no tempo, seja pela arquitetura das fachadas dos prédios e vielas, pelas galerias e ateliês, ou pelo clima agradável e tranquilo. A cidade também possui uma ótima infraestrutura de hospedagem, gastronomia, cultura e lazer. Atualmente, conta com três auditórios destinados a palestras, recitais, espetáculos musicais e teatrais, com lugares para 900 pessoas.²

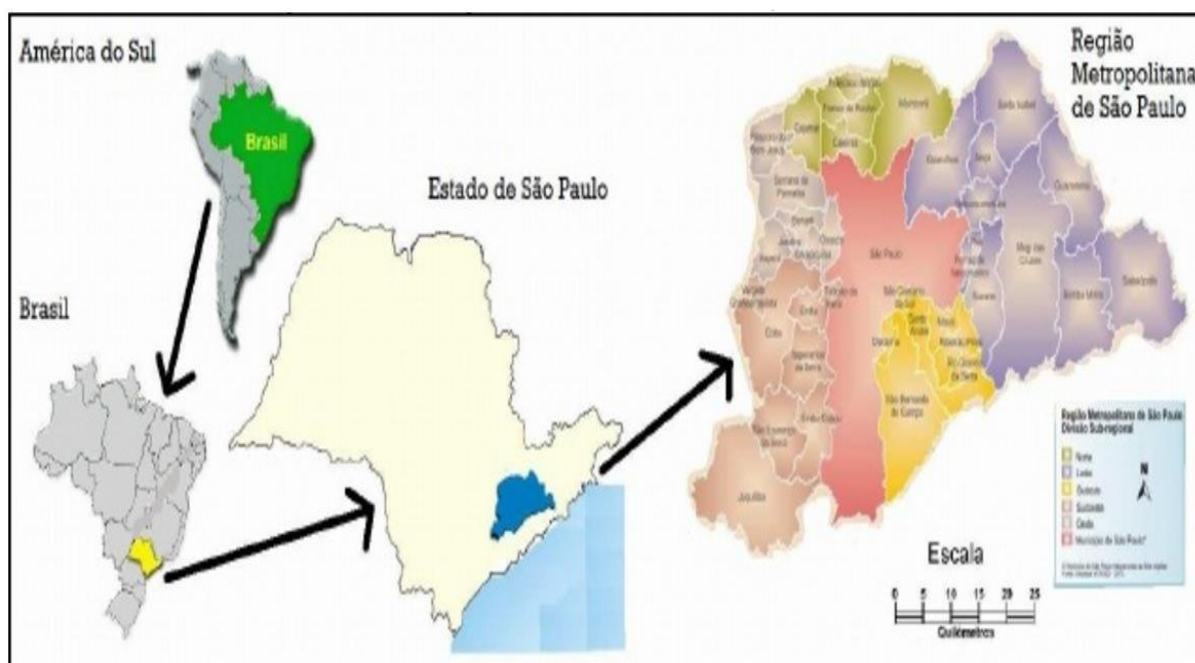


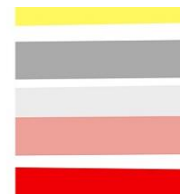
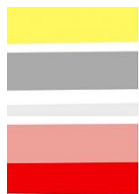
Figura 1: Área de Estudo e Localização: América do Sul, Brasil, Estado de São Paulo e Região Metropolitana de São Paulo.

Fonte: EMPLASA, 2011.

Inserida na Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo, com 59% da área inserida em áreas de proteção aos mananciais, pertence à sub-bacia do Rio Embu-Mirim,

¹[http://www.academia.edu/6819083/Migração Território Urbanização Crescimento Populacional e Mobilidade na Região Metropolitana de São Paulo](http://www.academia.edu/6819083/Migração_Território_Urbanização_Crescimento_Populacional_e_Mobilidade_na_Região_Metropolitana_de_São_Paulo). Acesso em 04 nov. 2015.

² Portal de Turismo. Cidade de Embu das Artes. Disponível em: <<http://www.embudasartes.tur.br/>>. Acesso em 04 nov. 2015.



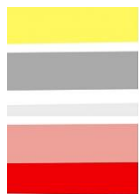
inserida na APRM-G da Bacia do Guarapiranga, e deve atender ao disposto na Lei Estadual nº12.233 de 16 de janeiro de 2006, regulamentado pelo Decreto nº51.686 de 22 de março de 2007. A APA Embu-Verde está contida na Reserva da Biosfera –reconhecida pela Unesco – como parte do Cinturão Verde da Região Metropolitana de São Paulo e que ainda possui remanescentes da Mata Atlântica. Trata-se de uma Unidade de Conservação Municipal Ambiental de Uso Sustentável, cobrindo 16 dos 72 km² do território de Embu, numa extensa faixa territorial à noroeste do município localizada na região da bacia do Rio Cotia, na divisa entre as duas cidades.

O processo histórico da ocupação do Brasil deu-se em detrimento das populações indígenas e sua cultura e organização social. A região de Embu das Artes sofreu a mesma dinâmica de ocupação, exploração e depredação do patrimônio cultural e natural quando da chegada dos portugueses, em 1554 (Fonte: IBGE).

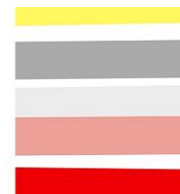
Assim sendo, a “alma indígena”na formação do povo brasileiro é bem pouco reconhecida quando buscamos as raízes da população. Daí advém a importância da construção de uma “identidade”do embuense, ressignificada através do conhecimento de sua história, de sua arte, cultura, formação social e, sobretudo, do reconhecimento de seu patrimônio ambiental, um caminho para a valorização do território de Embu das Artes, enquanto um conjunto complexo de relações de dependência, estreita e recíproca, entre o meio ambiente, o meio cultural e social. Os recursos ambientais do município ainda oferecem enorme potencial de riquezas “sustentáveis”, com qualidade de vida para todos, desde que bem gerenciados, de forma compartilhada e responsável pelos embuenses: remanescentes florestais com rica biodiversidade e região de mananciais, portanto, um território pleno de “serviços ambientais”ao alcance de sua população.

As características físicas da região refletem as condições históricas que marcaram o próprio surgimento do aldeamento, dirigido por padres jesuítas, em acrópole, atendendo às preocupações defensivas. As características do relevo local correspondem a um complexo regional, caracterizado na própria Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).

No caso do município de Embu das Artes, o crescimento populacional deu-se sobre grandes morros e áreas verdes, provocando grandes impactos sobre esses e reflexos intensos sobre a paisagem originalmente caracterizada pela presença da Mata Atlântica.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Escrever sobre a História de Embu é escrever sobre a própria história da Companhia de Jesus na América Meridional. Embu das Artes, como conhecemos hoje, ganhou diversas nomeações, muitas lendas e histórias envolvem suas origens e o significado de seu nome.

Historicamente a cultura de Embu das Artes, foi iniciada na aldeia do M'Boy, fundada pelos jesuítas entre 1555 e 1559. Foi das mãos dos jesuítas e dos índios que surgiram os primeiros traços artísticos que mais tarde se tornariam a marca da cidade: na arquitetura da igreja, na escultura dos santos de madeira, nas pinturas e no entalhamento.

A cidade é uma fonte rica de pesquisa cultural e histórica, oferecendo elementos para a formação de educadores e constituindo um berço para a arte e para as manifestações culturais de seu povo.

Um dos grandes responsáveis pela consolidação da vocação histórica para as artes de Embu foi o artista Cássio M'Boy, que se mudou para a cidade em 1920. Após sua chegada novos artistas passaram a morar na cidade como mestre Sakai, Assis do Embu, Solano Trindade, Cristo do Embu entre outros.

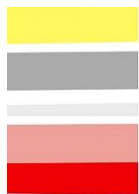
Esses novos moradores começaram a se dedicar às produções artísticas e exteriorizaram, cada um, o seu potencial criativo, por meio das artes. Esses artistas ajudaram a fundar em 1969 a feira de Embu das Artes, dando origem ao movimento artístico que permanece até os dias atuais.

2 Inserção Regional

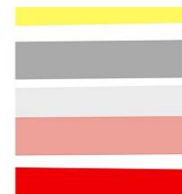
A cidade está localizada em um perímetro privilegiado do Estado de São Paulo, que é o mais populoso e mais abastado do Brasil, por possuir a maior produção econômica e industrial da América do Sul.

A Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), composta por 39 municípios, foi instituída pela Lei Complementar Federal nº14, de 1973, e disciplinada pela Lei Complementar Estadual nº94, de 1974. No entanto, sua existência legal e política dependiam da aprovação de uma lei estadual específica, de acordo com as regras da Constituição Federal de 1988, que atribuiu aos Estados a responsabilidade pela criação das regiões metropolitanas.

O Projeto de Lei Complementar nº6, de 2005, aprovada no dia 13 de junho de 2011, pela Assembleia Legislativa, criou a RMSP preenchendo definitivamente o vazio institucional existente na mais importante concentração urbana do país. Buscando promover o planejamento



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



regional para o desenvolvimento socioeconômico e a melhoria da qualidade de vida, a proteção do meio ambiente, a integração do planejamento e da execução de funções públicas de interesse comum e a redução das desigualdades sociais e regionais.

Os municípios que compõem a RMSP são: Arujá, Barueri, Biritiba-Mirim, Caieiras, Cajamar, Carapicuíba, Cotia, Diadema, Embu das Artes, Embu-Guaçu, Ferraz de Vasconcelos, Francisco Morato, Franco da Rocha, Guararema, Guarulhos, Itapevi, Itapeverica da Serra, Itaquaquecetuba, Jandira, Jquitiba, Mairiporã, Mauá, Mogi das Cruzes, Osasco, Pirapora do Bom Jesus, Poá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Salesópolis, Santa Isabel, Santana de Parnaíba, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Lourenço da Serra, São Paulo, Suzano, Taboão da Serra e Vargem Grande Paulista.³



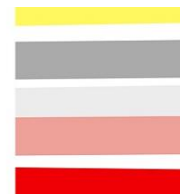
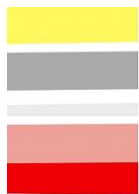
Figura 2: Região Metropolitana de São Paulo

Fonte: <http://www.baixarmapas.com.br/sao-paulo-rmsp/>

A área territorial da Região Metropolitana de São Paulo –7947,28 km²—corresponde a menos de um milésimo da superfície brasileira e pouco mais de 3% do território paulista. Pequena? Nem tanto, porque a Região tem aproximadamente as mesmas dimensões de algumas nações, como Líbano (10.452 km²) e Jamaica (10.991 km²).

A área urbanizada corresponde a 2.209 km², ou seja, algo em torno de 221 mil quarteirões. Entre 1962 e 2002, a mancha urbana passou de 874 km² para 2.209 km².

³Subsecretaria de Assuntos Metropolitanos. Disponível em: <http://www.sdmropolitano.sp.gov.br/portalsdm/sao-paulo.jsp>. Acesso em 28/nov/2015.



Os aspectos econômicos da Região Metropolitana de São Paulo é o maior polo de riqueza nacional. Em 2013, seu PIB foi de R\$ 1.708.221 milhões, ou 32,1% do PIB nacional. A metrópole detém a centralização do comando do grande capital privado: aqui estão as sedes brasileiras dos mais importantes complexos industriais, comerciais e principalmente financeiros, que controlam as atividades econômicas no País. Esses fenômenos fizeram surgir e condensar na RMSP uma série de serviços sofisticados, definidos pela íntima dependência da circulação e transporte de informações: planejamento, publicidade, marketing, seguro, finanças e consultorias, entre outros.

A população demográfica, para o ano de 2010, é de 19,7 milhões de habitantes, o que significa que aproximadamente um em cada 10 brasileiros mora nessa metrópole paulista. Tal contingente é cerca de 70% superior ao da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a segunda do País, com 11,8 milhões de pessoas.⁴

Segundo Censo do IBGE, em 2014 o Estado de São Paulo possuía 44.035.304 habitantes e uma densidade populacional de 177,4 hab./km². Todo esse montante populacional representa 21,6% da população brasileira e 11% de toda a população sul-americana.

O Estado de São Paulo está dividido em 7 sub-regiões: Norte, Nordeste, Leste, Sudeste, Centro, Oeste e Sudoeste.

Embu das Artes está localizado na sub-região sudoeste do Estado de São Paulo fazendo também parte desta região mais 7 municípios: Cotia, Embu-Guaçu, Itapeverica da Serra, Juquitiba, São Lourenço da Serra, Taboão da Serra, Vargem Grande Paulista. A região sudoeste tem boa parte de sua área sob o regime da lei de proteção aos mananciais, o que condiciona seu crescimento às diretrizes estabelecidas por esta legislação.

Abaixo o mapa político da região metropolitana de São Paulo destacando através das cores as suas sub-regiões, conforme a lei complementar estadual 1.139 de 16 de junho de 2011.

⁴ Indicadores. Região Metropolitana de SP. Disponível em:

< <http://www.emplasa.sp.gov.br/Emplasa/Indicadores/gsp.asp>>. Acesso em 28/nov./2015.

O município de Embu das Artes e sua contextualização histórica
Afluentes, UFMA/Campus III, v.3, n. 7, p. 21-45, jan./abr. 2018 ISSN 2525-3441



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

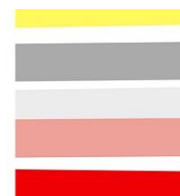


Figura 3: Mapa político da região metropolitana e suas sub-regiões.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_S%C3%A3o_Paulo.

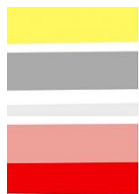
O processo de ocupação urbana desse conjunto de municípios foi associado à presença da Rodovia Régis Bittencourt, que faz a ligação de São Paulo com o Estado do Paraná. Apesar de a ocupação acontecer ao longo desse eixo viário, as áreas mais densamente ocupadas estão nos municípios de Taboão da Serra e Embu das Artes, em áreas limítrofes ao Município de São Paulo, caracterizando-se como uma expansão deste.

Os municípios integrantes da região sudoeste apresentaram taxas anuais de crescimento populacional acima da média metropolitana (0,98%), no último período intercensitário, destacando-se Taboão da Serra (2,15%), Itapeverica da Serra (1,75%), Embu das Artes (1,47%) e São Lourenço da Serra (1,35%). Juquitiba cresceu abaixo da média regional (0,83%) e Embu-Guaçu ficou igual à média da Região Metropolitana: 0,98%.⁵

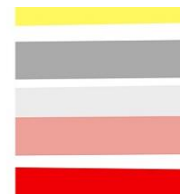
Segundo dados do Censo 2010, essa sub-região representa 5,0% da população metropolitana. Entre os 14 municípios da Grande São Paulo com população inferior a 100 mil habitantes, quatro estão aí localizados: São Lourenço da Serra, Juquitiba, Vargem Grande Paulista e Embu-Guaçu. Por outro lado, a soma dos municípios mais populosos atinge a cifra de 838 mil pessoas, 84,9% do total sub-regional e 4,3% do regional.

Com exceção de Taboão da Serra e Embu das Artes, que são municípios territorialmente pequenos e praticamente ocupados, os demais municípios caracterizam-se por apresentar um pequeno núcleo urbano e o restante de sua área com ocupação rarefeita por chácaras de lazer.

⁵ Região Sudoeste da grande São Paulo. www.agendis.org.br/index.php/cidades/9-Acesso em 28/nov./2015.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Esses municípios foram, desde o início, ocupados para o uso residencial, com predomínio de segmentos populacionais de baixa e média renda. Os dados geográficos de 2014, coletados pela Emplasa⁶, são apresentados na tabela abaixo.

MUNICÍPIOS	ÁREA 2014 (em km²)	POPULAÇÃO	DENSIDADE DEMOGRÁFICA	PIB 2013	DISTÂNCIA
		2015	Ano 2015 hab/km2	(em mil reais)	São Paulo
COTIA	323,994	15.323	82,18	419.064,49	31
EMBU DAS ARTES	70,398	15.323	82,18	419.064,49	27
EMBU GUAÇU	155,641	15.323	82,18	419.064,49	49
ITAPECERICA DA SERRA	150,742	15.323	82,18	419.064,49	34
JUQUITIBA	522,169	15.323	82,18	419.064,49	72
SÃO LORENÇO DA SERRA	186,456	15.323	82,18	419.064,49	31
TABOÃO DA SERRA	42,489	275.948	13.534,82	1.496.965,28	30
VARGEM GRANDE PAULISTA	42,489	275.948	13.534,82	1.496.965,28	44

Tabela 1: Dados geográficos Emplasa 2014.

Fonte: <https://www.emplasa.sp.gov.br/RMSP>

Segundo os dados percebe-se que Taboão da Serra é o menor município em área territorial e o que tem o maior número de população, seguido de Embu das Artes, na mesma proporção, pequeno e populoso. Taboão da Serra também apresenta a maior densidade demográfica em comparação com Embu das Artes que está em segundo lugar.

Cotia, terceiro município mais populoso da sub-região, apresenta o maior PIB, seguido de Embu das Artes e Taboão da Serra. Em contrapartida, São Lourenço da Serra possui o menor PIB da região seguido de Juquitiba.

3 Contextualização Histórica

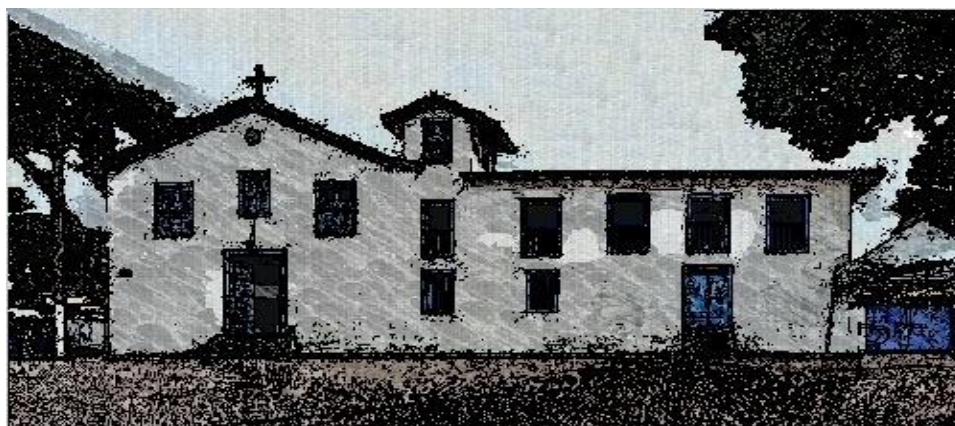
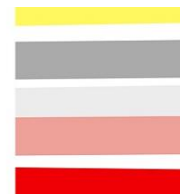
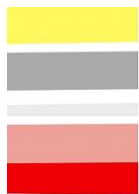


Figura 4 : Embu das Artes –Conjunto Jesuítico Nossa Senhora do Rosário

Fonte: <http://foralltourism.blogspot.com.br/2014/09/patrimonio-cultural-e-artistico-da.html>.

⁶<https://www.emplasa.sp.gov.br/RMSP> Acesso em 28/nov./2015.



A história de Embu das Artes se confunde com a própria história do Brasil, uma vez que há relatos da região relacionados ao ano de 1554, com o estabelecimento das missões jesuíticas no Brasil. Retornando aos tempos do Brasil Colonial, Embu surge por volta de 1554, quando os primeiros jesuítas saíram da Vila de Piratininga, em busca de novas terras e de grupos indígenas para a evangelização. Assim, dá-se o primeiro passo para a formação de um novo aldeamento.

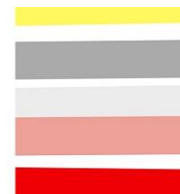
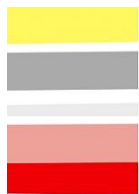
O ano de 1491 é o do nascimento de Iñigo, décimo terceiro filho de Beltran Yanes de Oñaz Loyola e de D. Marina de Licon y Salda, na Espanha. Nascido num século de transição, Iñigo ou Inácio, viveu nos tempos em que o Humanismo desabrochava na Espanha. As grandes navegações estavam em processo de superação dos entraves medievais, o que levaria ao desenvolvimento da economia mercantil e ao fortalecimento da classe burguesa.

Inácio de Loyola teve educação mundana e instrução descuidada. A princípio deu-se à vida da corte em Arévalo, vindo, posteriormente, a dedicar-se à carreira das armas sob ordens de Antônio Manrique, duque de Nájera e vice-rei de Navarra, seu parente remoto (Rosa, 1954).⁷

Em 1534, o cavaleiro espanhol Inácio de Loyola criou a Companhia de Jesus, com o objetivo principal de combater o protestantismo através do ensino religioso dirigido, e a influência crescente das reformas que cada vez mais preocupava a Igreja católica e a aristocracia europeia. Loyola na Espanha foi muito perseguido, pois mesmo sendo Jesuíta e estando dentro da igreja católica tinha muitos inimigos.

A Companhia de Jesus não era uma ordem religiosa como as outras, seus combativos integrantes tinham uma organização quase militar: consideravam-se soldados da Igreja e achavam que deviam infiltrar-se em todas as atividades sociais e culturais, a fim de eliminar aqueles que pusessem em risco os princípios do catolicismo, e no dia 27 de Setembro de 1540, a Companhia de Jesus recebeu a aprovação oficial do Papa Paulo III, na bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, em que os seus membros deviam prestar voto especial de obediência ao sumo pontífice e dependiam diretamente dele. A companhia era dividida, em províncias que, agrupadas de acordo com critérios geográficos e linguísticos, possuíam os superiores que governavam todas as casas, que tinha seu próprio superior (nos colégios denominava-se como reitor) e o supremo poder da companhia pertencia ao superior geral eleito pela congregação

⁷<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/150-4.pdf>



geral que era formada pelos delegados das diversas províncias, e da formação dos jesuítas fazem parte estudos de religião, línguas, humanidades, leis e medicina.

A Companhia de Jesus surgiu nesse contexto histórico engendrado a partir do século XVI. Canonizada pelo Papa Paulo III, por meio da Bula *Regimini Militantis Ecclesiae* (1540), a Ordem religiosa criada por Inácio de Loyola nasceu para apostolar no mundo secular com três objetivos muito bem definidos: defender o Papa, reconverter os cristãos, particularmente os reformados, e evangelizar os chamados “povos bárbaros” que habitavam os outros continentes (Ferreira Jr. 2007).⁸

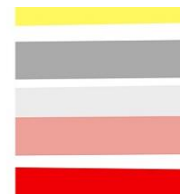
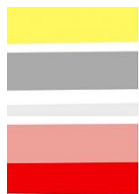
Define-se como jesuítas, padres da Igreja Católica que compunham a Companhia de Jesus, fundada em 1534 por Inácio de Loyola, com o objetivo principal de coibir o crescimento dos protestantes ao redor do mundo.

Os jesuítas tinham como alvo, no século XVI, levar o catolicismo para novas regiões que estavam sendo descobertas, incluindo na América do Sul. A Companhia de Jesus, chegou ao Brasil em 1549 com o primeiro contingente de Jesuítas, formado pelos padres Manuel da Nóbrega, Leonardo Nunes, João de Azpilcueta Navarro, Antônio Pires e mais os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jácome, que acompanhando Tomé de Sousa, primeiro Governador Geral do Brasil, que aportaram na Bahia, onde se fundaria a nova cidade, chamada do Salvador e fundaram a Província do Brasil da Companhia de Jesus, que passou a ser a sede e cabeça da Ordem Inaciana na América Portuguesa. Perto da Câmara Municipal os padres da Companhia escolheram um lugar para construir seu colégio, em um terreiro, que por causa deles, passou a ser chamado de Terreiro de Jesus, nome que até hoje conserva e que passou a ser o ponto central da antiga cidade e fundaram uma igreja de taipa coberta de palha que dedicaram a Nossa Senhora da Ajuda, além de outras precárias instalações iniciais, as quais foram sucessivamente sendo reconstruídas e ampliadas, esta igreja, a primeira dos Jesuítas no Brasil, foi cedida posteriormente ao clero secular. A igreja atual foi construída no mesmo local, em 1914 e nela estão púlpito onde o Padre Antônio Vieira pregou o famoso Sermão contra a Holanda.⁹

O Brasil, com uma expedição liderada por Tomé de Souza e comandada pelo Padre Manuel da Nóbrega. Ainda na América do Sul, objetivavam catequizar os índios, ensinando-lhe a língua e os costumes de Espanha e Portugal, e deste modo pouco a pouco construir escolas em diversas regiões do mundo.

⁸pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=3240

⁹<http://www.hirondino.com/historia-de-portugal/companhia-de-jesus/>



Data-se que os jesuítas chegaram ao Brasil em 29 de março 1549, com o então primeiro governador geral Tomé de Souza, e construíram uma escola em Salvador, e teve como primeiro professor o Irmão Vicente Rodrigues que durante 50 anos se dedicou a ensinar e catequizar os povos indígenas.

De 1549 a 1605 foram encaminhados ao Brasil cerca de 169 religiosos. Em 56 anos de atividade, os jesuítas já se achavam estabelecidos por todo o litoral brasileiro e nesse período de expansão, além de terem contribuído para a edificação das cidades de Salvador e Rio de Janeiro, fundaram a cidade de São Paulo, no planalto de Piratininga, no interior da capitania de São Vicente.

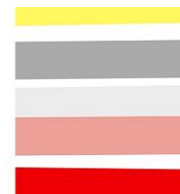
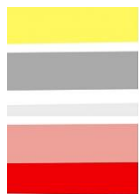
Um ano após a chegada dos jesuítas no Brasil, já haviam se estabelecido alguns padres em São Vicente. Nesse período o padre Leonardo Nunes encontrou no planalto, brancos e mamelucos que há anos iam ao litoral, sem ouvir missa e sem se confessar. Eles viviam à margem do Piratininga.

Os padres dedicavam-se a duas atividades principais: pregar a fé católica e com isso abrir caminho aos colonizadores e ao trabalho de ensinar ao mesmo tempo que ensinavam a escrever, ensinavam a doutrina católica e os costumes europeus. Eles recebiam da Coroa subsídios para a fundação de colégios e missões. Desta maneira, tinham a obrigação de formar sacerdotes para a catequese. As “Constituições” jesuíticas, no que se referiam à administração dos bens materiais, mostram como esta função entre governo português e jesuítas foi guiada em benefício, principalmente, destes últimos, pois os bens eram conseguidos com a aplicação de recursos do “Padrão de Redízima” colocado em execução a partir de 10% da arrecadação de todos os impostos reais de todas as capitanias da Colônia e seus povoados ficavam definitivamente ligados à manutenção e sustento dos colégios jesuíticos.¹⁰

Os jesuítas perceberam que seria impossível catequizar, sem alfabetizar, e percorrendo a costa brasileira, o mais conhecido dos jesuítas, Padre José de Anchieta, fundou três colégios sendo, no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, e ainda cinco escolas na cidade de Espírito Santo, São Paulo, São Vicente, Ilhéus e Porto Seguro.

Consta no primeiro plano educacional elaborado por Nóbrega o desejo de catequizar e instruir os indígenas como estabeleciam os “Regimentos”. Nota-se também a intenção de inclusão dos filhos dos colonos, visto que naquele momento os jesuítas eram os únicos

¹⁰<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/150-4.pdf>



educadores existentes na Colônia. O plano de estudos foi estabelecido de maneira diversificada, visando atender às diferenças de interesses entre índios e brancos. Iniciava-se com o ensino do português, doutrina cristã, leitura e escrita, depois fazia-se a opção pelo ensino de canto e música instrumental, havendo uma separação entre o aprendizado sacerdotal e agrícola.

Observa-se que havia a intenção de direcionar o ensino agrícola à população indígena e instrução sacerdotal à população branca, pois logo se perceberia a não adaptação do Índio às atividades católicas sacerdotais e esse fato influencia na proposta de um ensino agrícola aos indígenas, necessário para manter em funcionamento atividades fundamentais à vida da Colônia.

A partir de 1556, quando começaram a vigorar as "Constituições" da Companhia de Jesus, Nóbrega entra em choque com a orientação da Ordem Religiosa, pois no período de 1570 a 1579, as etapas iniciais - canto, música instrumental, profissional e agrícola - são excluídas. A orientação proposta no "Ratio" (organização de plano de estudos da Companhia de Jesus, publicado em 1599) está centrado nos elementos da cultura europeia - curso de Humanidades, de Filosofia e de Teologia. Torna-se claro desta forma a falta de interesse em instruir o Índio.

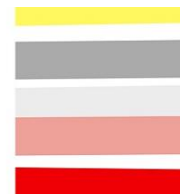
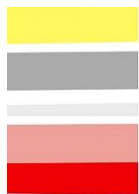
O plano legítimo - instruir e catequizar o Índio - e o plano real divergem. Os indígenas serão simplesmente catequizados. Os filhos dos colonizadores serão instruídos.¹¹

Eles permaneceram como mentores da educação brasileira durante duzentos e dez anos, até 1759, quando foram expulsos de todas as colônias portuguesas por decisão de Sebastião José de Carvalho, o marquês de Pombal, primeiro-ministro de Portugal de 1750 a 1777. No momento da expulsão os jesuítas tinham 25 residências, 36 missões e 17 colégios e seminários, além de seminários menores e escolas de primeiras letras instaladas em todas as cidades onde havia casas da Companhia de Jesus. A educação brasileira, com isso, vivenciou uma grande ruptura histórica num processo já implantado e consolidado como modelo educacional.

Escrever sobre a História de Embu é escrever sobre a própria história da Companhia de Jesus na América Meridional, uma vez que da atuação dessa célebre Ordem fundada por Inácio de Loyola, da Capitania de São Vicente de Martim Afonso de Sousa, foi que surgiu o primitivo Embu (Jordão, 2004, p.9).

Quando os jesuítas por volta de 1554 saíram da Vila de Piratininga, atual São Paulo, em busca de novas terras e de grupos indígenas para a evangelização eles vão para o Paraguai

¹¹<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/150-4.pdf>



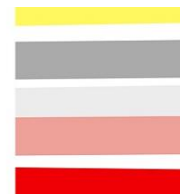
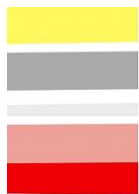
catequizar os índios Guaranis e na volta são atacados por índios Piratiningas. Ao serem atacados eles fogem para a Aldeia de Bohi, depois chamada de M'Boy, assim, dá-se o primeiro passo para a formação de um novo aldeamento, M'Boy.

Embu das Artes, como conhecemos hoje, ganhou diversas nomeações, muitas lendas e histórias envolvem suas origens e o significado de seu nome. M'Boy, Boy, Bohi, Bohu, Alboy, Emboi ou Embohu eram as formas de nomear essa região.

Segundo Jordão(2004) uma das lendas, a palavra M'Boy significa cobra em tupi-guarani. Consta-se que a região recebeu o nome de M'Boy por causa da bravura de um índio ao salvar de uma grande cobra o padre Belchior de Pontes, um símbolo na formação do aldeamento. Outra explicação define-se pelas características físicas da região, pois o termo M'Boy vem da palavra *Mbeîu*, que quer dizer coisa penhascosa, um agrupamento de montes, coisa em cachos ou cacheadas, coisas juntas, apinhadas, referindo-se às formas do relevo da região. O aldeamento apresentava um relevo bastante acidentado, constituído por colinas e morros. Foi neste quadro físico que se desdobrou o surgimento do aldeamento em acrópole (no topo), estabelecido por uma questão defensiva e estratégica, muito importante na época.

Das próprias circunstâncias que envolveram o nascimento da primitiva Aldeia, podemos tirar a origem do nome "M'Boy", invocando Teodoro Sampaio em "O Tupi na Língua Nacional". Para esse autor, "MAIR"era o apelido dos franceses entre os tupis do Brasil. Os guaranis do Paraguai (Carijós) chamavam os espanhóis de "MBAI". Os dois vocábulos mair e mbai são formas contratas de mbai-ira que exprime o –apartado, o solitário, o que vive distante. De mbai-ira, procedem mbaira, maira, mair, MBAI que era o apelido dado pelos indígenas aos franceses e espanhóis, não só por virem de longe, como porque equiparavam pela sua superioridade, aos seus feiticeiros, chamados pajés ou caraíbas, os quais levavam a vida solitária no recesso das matas, nas cavernas das montanhas distantes (Jordão, 2004).

Para entender melhor a origem destes nomes, Teodoro Sampaio dizia que os índios Guarani chamavam os espanhóis de M Baira, que significa o apartado o solitário, ressaltando também que pode ter a tradução para cobra. O Tupi chamavam os Carijóde M'Boy por viverem afastados na aldeia, separados. Leonardo Arroyo diz que foi o aspecto físico que originou esse nome à região. Câmara Cascudo, em seu dicionário folclórico descreve M'Boy com o significado de cobra preta. Para Jordão e Montoya M Boy é uma corruptela de M Beiu, que quer dizer agrupamentos de montes. (Jordão,2004).



Com o tempo M'BAI foi se transformando em MBOI, surgindo nos documentos históricos de São Paulo com as mais variadas grafias.

O aldeamento de M'Boy, fundado pelos jesuítas no início do século XVI, foi concebido por uma Carta de Doação, fato esse que está diretamente ligado às mesmas características de povoamento e colonização do Planalto Paulistano, onde, de um lado estava o europeu colonizador, que escolhia e tomava para si as terras, focado na exploração econômica, e de outro, o jesuíta, focado na catequese dos índios.

Os índios que vieram para a Aldeia de M'Boy eram os Guaranis, do Paraguai, trazidos pelos Jesuítas, pois os índios que estavam não aceitavam a catequização. Os Guaranis eram de índole pacífica e ficaram atraídos pelos cantos e rituais da igreja católica, diferentemente dos índios das etnias Tapuia e Tupiniquim, do Brasil, tão valentes e guerreiros.

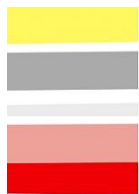
Antes da colonização, os Guaranis, chamados de Carijó, tinham sua própria cultura, dançavam tocando chocalhos (maracás) e tocavam flautas de bambu. Faziam suas próprias vasilhas com barro e teciam suas redes. Suas músicas eram melancólicas e belas. Andavam nus e tinham cabelos longos e lisos. As mulheres tinham colares coloridos enfeitados com penas e sementes. As crianças brincavam imitando os passados e tinham seus próprios jogos.

Os jesuítas vestiram os índios e trocaram seus colares por rosários, sua crença passou de Tupã para Jesus Cristo e Anhaguá(espírito negativo) passou a ser o diabo. E suas danças voltaram-se para Santa Cruz, dança existente até hoje. Muito talentosos eles ajudaram os padres a esculpir imagens para a igreja (Trindade, 2004, p. 16).

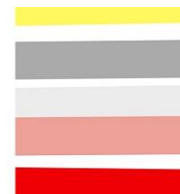
Mesmo com o decreto de Portugal de 1680, proibindo a escravidão do índio, sem a presença dos jesuítas, eles foram escravizados. Os guaranis de M'Boy desapareceram, restando em Embu apenas alguns mamelucos.

Em 1607, as terras do lugarejo passam a ser propriedade de Fernão Dias Paes (o moço) e sua esposa Catarina Camacho. Em 1624, o casal doa as terras da aldeia M'Boy à Companhia de Jesus, com a condição de que os jesuítas devotassem Nossa Senhora do Rosário e organizassem uma festa de adoração à Santa Cruz. Em 1690, o padre Belchior das Pontes manda erguer uma igreja em homenagem àquela santa, hoje a padroeira do município.

Já no século XVIII, entre 1730 e 1740, os jesuítas iniciaram a construção do convento, anexo à igreja. O padre Domingos Machado reuniu no aldeamento vários padres artistas que elaboraram os trabalhos de decoração do mesmo. As verbas necessárias aos entalhes das paredes de madeiras e grande número de imagens, foram viabilizadas com a venda do algodão



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



que era cultivado em grande escala. Os padres jesuítas não moraram no convento por muito tempo, quando em 1759 por ordem da Coroa Portuguesa foram expulsos do Brasil.

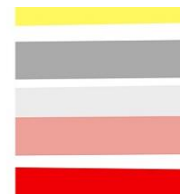
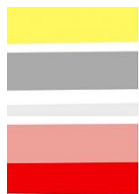
A dificuldade de comunicação não permitiu o rápido desenvolvimento do povoado. Somente no final do século XIX, a cúria diocesana de São Paulo contratou o engenheiro Henrique Boccolini para demarcação do patrimônio, o qual, reconhecendo os valores artísticos da capela e do convento, realizou as primeiras obras de apoio à conservação das construções.



Figura 13: Henrique Boccolini (destaque) em vistoria à Igreja dos Jesuítas, para futura restauração em 1908.

Foto: Trindade, 2010.

Os padres foram embora, mas deixaram um tesouro para a cidade paulista, um belíssimo conjunto de arquitetura colonial, hoje sede do Museu de Arte Sacra, no centro histórico. Tombado como Patrimônio Histórico Nacional e protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), é uma das mais preservadas construções jesuítas remanescentes em São Paulo. Embora exiba detalhes do estilo barroco paulista, a arquitetura do conjunto que inclui o museu e a igreja, tem como principal característica a simplicidade das linhas retas. A Igreja Nossa Senhora do Rosário e a antiga casa dos padres foram construídas em taipa de pilão e parcialmente concluídas em 1734, quando a pintura e douração da capela-mor e da sacristia começaram a ser feitas. Faz parte de seu acervo imagens de anjos, santos e personagens bíblicos entalhados em madeira, modelados em terracota ou em armações de roca, produzidos pelos jesuítas entre os séculos 17 e 19. O ponto alto do museu é a obra “Senhor Morto”, esculpida em tamanho real em uma única tora de madeira.



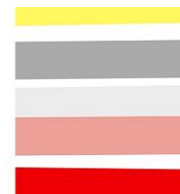
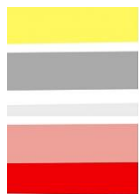
A estabilidade dos aldeamentos foi abalada com a expulsão dos jesuítas em 1759, quando a administração ficou a cargo da Colônia, que passou a controlar a população indígena de acordo com os seus interesses. A mobilidade dessa população enfraqueceu as atividades econômicas até então desempenhadas, diminuindo a população indígena do antigo aldeamento.

Com essas mudanças administrativas culminaram em 1802, com a criação do plano Rendon, que visava, entre outras medidas, a miscigenação dos povos indígenas, além da transformação dos aldeamentos em freguesias. As freguesias representavam a modificação das funções religiosas e administrativas voltadas a uma determinada área e não a um contingente humano. Após o plano Rendon, as terras antes pertencentes aos indígenas foram ocupadas por colonos, e o índio passou a se misturar à população como morador, tanto pela miscigenação como também em termos de direitos e deveres comuns aos demais.

Da miscigenação entre índios e brancos resultou, nos arredores paulistas, o cinturão caipira, que era caracterizado pela cultura de subsistência e pela produção agrícola extrativa, como lenha, madeira, pedras de cantaria, produtos cerâmicos e artesanatos, além de fomentar um legado cultural singular. Embu, como outras localidades dos arredores paulistanos, não participou da introdução de culturas comerciais rentáveis, como a cana-de-açúcar e o café, que tanto marcaram a economia paulista durante o século XIX até meados do século XX. A ausência dessas atividades deveu-se às características físicas do local, clima instável e solos naturalmente pobres para o cultivo do café.

Com o crescimento da capital paulista, esses denominados cinturões caipiras passaram cada vez mais a se organizar em torno da cidade. Isso se deu através da agricultura de subsistência, que passou a adquirir um caráter comercial baseado em atividades de cunho rural (extrativismo, agricultura, agroindústria) visando o abastecimento da crescente metrópole. Destaca-se nesse contexto a produção de arroz, feijão, avicultura, lenha, além de algumas fábricas de velas que abasteciam as principais igrejas da capital paulista.

Todos esses produtos eram transportados para a capital por meio de carros de boi. As viagens duravam horas e até dias, dependendo do estado de conservação das estradas. Nota-se, portanto, que Embu, apesar de desempenhar um papel modesto em relação ao mercado paulista, dadas as características da população e pela herança colonial, sofreu significativas transformações em seu quadro econômico. Essas transformações foram responsáveis pela circulação de mercadorias e a consequente dinamização local, na qual se instalaram alguns



núcleos urbanos. A dinâmica da ocupação humana no município de Embu foi estreitamente influenciada pelo processo de desenvolvimento social e econômico da capital paulista.

Para chegar o município a ser chamado de Embu das Artes, a história nos revela alguns fatos importantes. Os padres jesuítas chegam por volta de 18 de julho de 1554 e encontram a Aldeia de Bohi a qual passa a ser chamada de M'Boy. Entre 1779 e 1880 passa por várias modificações entre ser Aldeia e Freguesia.

Segundo o Instituto Seade¹² define de forma clara e objetiva o que vem a ser Aldeia e Freguesia. Entende-se por Aldeia, pequena povoação que não dispõe de jurisdição, dependendo administrativamente da vila ou da cidade, a cujo termo ou comarca pertence; povoação constituída exclusivamente de índios; local em que se agrupavam índios domesticados dos sertões. Os portugueses chamavam de aldeias as tabas dos índios, as povoações indígenas e aquelas que os missionários organizavam ou iam convertendo.

E entende-se por Freguesia, circunscrição eclesiástica que forma a paróquia; sede de uma igreja paroquial, que servia também, para a administração civil; categoria oficial institucionalmente reconhecida a que era elevado um povoado quando nele houvesse uma capela curada ou paróquia na qual pudesse manter um padre à custa destes paroquianos, pagando a ele a cômputo anual, ou seja, fração territorial em que se dividem as dioceses, tratando-se de uma designação portuguesa de paróquia.

Durante 101 anos entre 1779 a 1880 a Aldeia M'Boy passa a ser Aldeia e Freguesia por várias vezes, a seguir: 1779 - A Aldeia Mboy passa a ser Freguesia; 1832 - Volta a ser Aldeia por meio de decreto; 1841 - Nova lei lhe devolve a condição de freguesia; 1869 - Volta a ser Aldeia por meio de decreto; 1880 - Volta a ser Freguesia.

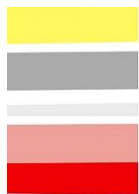
Esse vai e vem terminou em 21 de abril de 1880, quando através de um decreto, a Aldeia M'Boy tornou-se Distrito, no município de Itapecerica com a denominação de M'Boy.

Através do Decreto Estadual nº9.775, de 30 de novembro de 1938, o distrito de M'Boy passou a denominar-se Embú. (com acento no u). Em 1943 sob o Decreto-Lei, Embú muda a grafia do nome para Embu (sem acento no u); seguindo as regras da ortografia da língua portuguesa¹³.

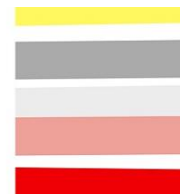
Em 17 de março de 1958 é formalizada a emancipação de Embu através de um reunião realizada na casa do senhor Dr. Carlos Koch onde também se fizeram presentes Horacio Wolf,

¹²<http://produtos.seade.gov.br/produtos/500anos/index.php?tip=defi>

¹³https://familysearch.org/wiki/pt/Embu_das_Artes,_São_Paulo_-_Genealogia



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Gastão Santana de Moraes Gonçalves, João Salvador Silva, Hideo Degaki, Hélio Santana, Pedro Candido dos Santos, João de Moraes, Antonio Batista Medina, João Batista Medina Filho, Manoel Batista Medina (Sr. Nei), Joaquim Salvador Silva, Annis Neme Bassith, Indalécio do Espírito Santo Gonçalves, Isaltino Victor de Moraes, Afonso Capri, Jose Marreiro, Agostinho Marreiro, Alberto dos Santos Jacob e Heliodora Oescuma Koch. No final deste mesmo ano houve um plebiscito positivo para que Embu pudesse ser independente politicamente. (Trindade,2010).

No dia 18 de fevereiro de 1959 o município de Embu foi criado pela Lei nº5.285 sendo desmembrado de Itapeperica da Serra e Cotia, no ano seguinte em 1960 foi eleito o primeiro prefeito do município, Anis Neme Bassith.

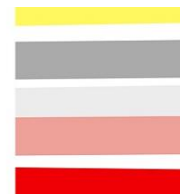
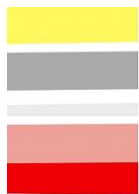
O município de Embu passa a ser Estância Turística através da Lei Estadual nº2161, de 12 de novembro de 1979. Passando a ser chamado Estância Turística de Embu.

Estância Turística¹⁴ é um título concedido pelo governo do Estado de São Paulo aos municípios que apresentem características turísticas e determinados requisitos como: condições de lazer, recreação, recursos naturais e culturais específicos. Devem dispor de infraestrutura e serviços dimensionados à atividade turística. Os municípios com este *status* podem receber aportes financeiros específicos para incentivo ao turismo.

Nem todas as cidades conseguem o título de Estância Turística, é preciso passar por uma avaliação e atingir os critérios de cultura e lazer como também infraestrutura e serviços dimensionados à atividade turística precisam ser evidentes na cidade. Foi assim que Embu das Artes passou a tornar-se uma estância turística.

A alteração no nome da cidade traz ainda outros benefícios. Os municípios com este status podem receber aportes financeiros específicos para incentivo ao turismo. O Estado de São Paulo possui 67 cidades que são consideradas estâncias por cumprirem essas determinações. Cada uma dessas cidades provou que têm vocação para desenvolver negócios voltados ao turismo promovendo atração de visitantes durante todo o ano. Os municípios recebem verba maior por parte do Estado para investimentos voltados ao turismo. O DADE (Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias) é o órgão responsável por repassar verbas.

¹⁴<https://pt.wikipedia.org/wiki>



Também, o município adquire o direito de agregar junto a seu nome o título de estância turística, termo pelo qual passa a ser designado tanto pelo expediente municipal oficial quanto pelas referências estaduais.

O município Estância Turística de Embu, com a chegada dos artistas através do movimento hippie, começa a desenvolver um trabalho voltado para as artes. Com a projeção da feira de artesanato para o Brasil e para o mundo o município começa a ser chamado pelas pessoas de Embu das Artes, e ele passa a ser identificado e reconhecido desta forma. Porém esse não era seu nome oficial.

Em 2011, o prefeito da cidade juntamente com a câmara de vereadores passam a se atentar com essa situação: A cidade é chamada de Embu das Artes, porém este não é seu nome oficial. Sendo assim houve um plebiscito na cidade para que a população votasse para ocorrer alteração do nome da cidade. O plebiscito submeteu os eleitores à pergunta: "Você é a favor da alteração do nome da cidade de “Embu” para “Embu das Artes”?”

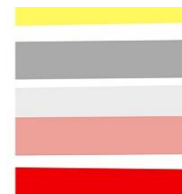
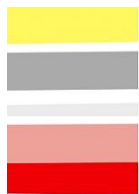
Em 01 de maio de 2011 a população embuense foi às urnas e 66,48% votaram sim para a mudança no nome da cidade. A Lei 14.537 de 07.09.2011 foi publicada no Diário Oficial passando a se chamar oficialmente Estância Turística de Embu das Artes.¹⁵

4 Migração e Imigração

A imigração propriamente dita verificou-se a partir de 1808, vésperas da independência, quando se instalou um permanente fluxo de europeus para o Brasil, que se acentuou com a fundação da colônia de Nova Friburgo, na província do Rio de Janeiro, em 1818, e a de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 1824. Dois mil suíços e mil alemães radicaram-se no Brasil nessa época, incentivados pela abertura dos portos às nações amigas.

Na caracterização do processo de imigração no Brasil encontram-se três períodos que correspondem respectivamente ao auge, ao declínio e à extinção da escravidão. O primeiro período vai de 1808, quando era livre a importação de africanos, até 1850, quando decretou-se a proibição do tráfico. De 1850 a 1888, o segundo período é marcado por medidas progressivas de extinção da escravatura (Lei do Ventre Livre, Lei dos Sexagenários, alforrias e, finalmente, a Lei Áurea), em decorrência do que as correntes migratórias passaram a se dirigir para o Brasil,

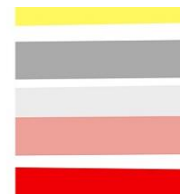
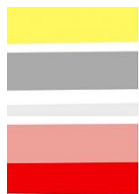
¹⁵<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/09/lei-que-muda-nome-de-embu-para-embu-das-artes-sp-e-sancionada.html>



sobretudo para as áreas onde era menos importante o braço escravo. O terceiro período, que durou até meados do século XX, começou em 1888, quando, extinta a escravidão, o trabalho livre ganhou expressão social e a imigração cresceu notavelmente, de preferência para o Sul, mas também em São Paulo, onde até então a lavoura cafeeira se baseava no trabalho escravo. Após a abolição, em apenas dez anos (de 1890 a 1900) entraram no Brasil mais de 1,4 milhão de imigrantes, o dobro do número de entradas nos oitenta anos anteriores (1808-1888). Acentua-se também a diversificação por nacionalidades das correntes migratórias, fato que já ocorria nos últimos anos do período anterior. No século XX, o fluxo migratório apresentou irregularidades, em decorrência de fatores externos - as duas guerras mundiais, a recuperação europeia no pós- guerra, a crise nipônica e, igualmente, devido a fatores internos. No começo do século XX, por exemplo, assinalou-se em São Paulo uma saída de imigrantes, sobretudo italianos, para a Argentina. Na mesma época verifica-se o início da imigração nipônica, que alcançaria, em cinquenta anos, grande significação. No recenseamento de 1950, os japoneses constituíam a quarta colônia no Brasil em número de imigrantes, com 10,6% dos estrangeiros recenseados.¹⁶

Distinguem-se dois tipos de distribuição do imigrante no país, com efeitos nos processos de assimilação. Pode-se chamar o primeiro tipo de "concentração", em que os imigrantes se localizam em colônias, como no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Nesse caso, os imigrantes não mantêm contato, nos primeiros tempos, com os nacionais, mas a aproximação ocorre à medida que a colonização cresce e surge a necessidade de comercialização dos produtos da colônia. O segundo tipo, que se pode chamar de "dispersão", ocorreu nas fazendas de café de São Paulo e nas cidades, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo. Nessas áreas, o imigrante, desde a chegada, mantinha-se em contato com a população nacional, o que facilitava sua assimilação. Os principais grupos de imigrantes no Brasil são portugueses, italianos, espanhóis, alemães e japoneses, que representam mais de oitenta por cento do total. No processo de urbanização, assinala-se a contribuição do imigrante, ora com a transformação de antigos núcleos em cidades (São Leopoldo, Novo Hamburgo, Caxias, Farroupilha, Itajaí, Brusque, Joinville, Santa Felicidade, entre outros.), ora com sua presença em atividades urbanas de comércio ou de serviços, com a venda ambulante, nas ruas, como se deu em São Paulo e no Rio de Janeiro.

¹⁶<http://hid0141.blogspot.com.br/2011/08/imigracao-no-brasil.html>

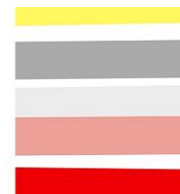
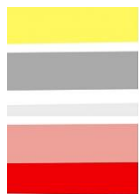


Outras colônias fundadas em vários pontos do Brasil ao longo do século XIX se transformaram em importantes centros urbanos. É o caso de Holambra (SP), criada pelos holandeses; de Blumenau (SC), estabelecida por imigrantes alemães liderados pelo médico Hermann Blumenau; e de Americana (SP), originalmente formada por confederados emigrados do sul dos Estados Unidos em consequência da guerra de secessão. Imigrantes alemães se radicaram também em Minas Gerais, nos atuais municípios de Teófilo Otoni e Juiz de Fora, e no Espírito Santo, onde hoje é o município de Santa Teresa.

Em todas as colônias, ressalta igualmente o papel desempenhado pelo imigrante como introdutor de técnicas e atividades que se difundiram em torno das colônias. Ao imigrante devem-se ainda outras contribuições em diferentes setores da atividade brasileira. Uma das mais significativas apresenta-se no processo de industrialização dos estados da região Sul do país, onde o artesanato rural nas colônias cresceu até transformar-se em pequena ou média indústria.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro, imigrantes enriquecidos contribuíram com a aplicação de capitais nos setores produtivos. A contribuição dos portugueses merece destaque especial, pois sua presença constante assegurou a continuidade de valores que foram básicos na formação da cultura brasileira. Os franceses influíram nas artes, literatura, educação e nos hábitos sociais, além dos jogos hoje incorporados à lúdica infantil. Especialmente em São Paulo, é grande a influência dos italianos na arquitetura. A eles também se deve uma pronunciada influência na culinária e nos costumes, estes traduzidos por uma herança na área religiosa, musical e recreativa. Os alemães contribuíram na indústria com várias atividades e, na agricultura, trouxeram o cultivo do centeio e da alfafa. Os japoneses trouxeram a soja, bem como a cultura e o uso de legumes e verduras. Os libaneses e outros árabes divulgaram no Brasil sua rica culinária.

O município de Embu por estar próximo à capital de São Paulo passa a receber essas pessoas vindas de outros estados como também os imigrantes chegando de outros países. Um exemplo é a família Kikuti que em 1917 instalaram-se aqui e começa a contribuir para a formação de Cinturão Verde com plantações agrícolas. No período de 1912 a 1937 destaca-se pela chegada de um grande grupo de japoneses que se alojaram em nosso município, trazendo suas culturas influenciando nossa cidade sendo responsáveis pela tradição no cultivo de plantas e flores. (Trindade, 2010).



No século XX a região sudoeste, especialmente em São Paulo, passa a se destacar por seu desenvolvimento industrial, tornando-se atrativa às pessoas que moram no nordeste, norte e Minas Gerais que buscavam melhores condições de vida.

A região nordeste do Brasil foi a grande produtora de açúcar, a sustentação econômica da Coroa Portuguesa nos séculos XVI a XVIII, onde muitos escravos vindos da África trabalhavam nos engenhos. O início da população brasileira, com miscigenação de índios, brancos e negros também ocorreu nesta região.

Com o declínio da plantação do açúcar e a ascensão do café na região sudeste começou a migração do povo nordestino ainda escravos para estas regiões. A Aldeia de M'Boy não recebeu grande fluxo de escravos negros, porque já tinha a mão de obra indígena.

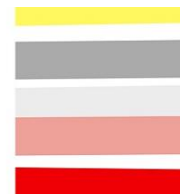
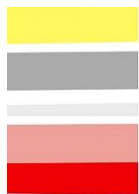
Quanto aos migrantes nordestinos e mineiros instalam-se na periferia da cidade entre os anos 1950 e 1980 atraídos pelo desenvolvimento industrial de São Paulo. Pelo fato dessas pessoas não encontrarem empregos no Embu iam trabalhar na capital e voltavam para suas casas somente para dormir, a cidade então passou a ser chamada de cidade dormitório. (Trindade, 2010).

Migram também pessoas da região sul do país, descendentes de italianos, buscando oportunidade de trabalho. E também influenciam com sua cultura através das danças e com o Centro de Tradições Gaúchas - CTG.

Esses novos moradores começam a influenciar no desenvolvimento do município e alguns deles começam a se dedicar às produções artísticas, por meio de pinturas, esculturas, modelagem, entalhes em madeiras, música, literatura e bordados, demonstrando a capacidade criativa e de adaptação de um povo singular.

Como fruto da migração e imigração, podemos destacar alguns exemplos dessa aliança de diferentes culturas em Embu, como o Grupo Sakai, que realiza arte em cerâmica; as danças brasileiras, representadas pelo Teatro Popular Solano Trindade; o Mineiro Pau, trazido pela família Gama; as músicas regionais do sul, após a instalação no Embu do Centro de Tradições Gaúchas - CTG; um grupo de escultores que seguiam os primeiros passos dos indígenas que esculpam as obras do Convento de Jesuítas; e dos mestres Cássio M'Boy (após os anos 1920) e Assis do Embu. (Trindade, 2010).

Inicia-se juntamente com esse processo de migração e imigração um movimento *hippie* na época de 1960, em que a chegada desses artesãos começa a influenciar com seus trabalhos manuais. Muitos deles chegaram a cidade vindos da capital, São Paulo, onde já apresentavam



seus trabalhos na Feira de Artes e Artesanato da Praça da República, sendo o artesão Cristo o pioneiro.

“O surgimento da hoje tradicional Feira de Artes e Artesanato, 1969, deve-se em grande medida a esses migrantes e imigrantes pioneiros que, totalmente integrados à cultura local, transformaram Embu em um celeiro de artistas, hoje conhecido em todo país e internacionalmente” (Trindade, 2010, p. 36). Foi o escultor Claudionor Assis Dias quem idealizou a criação desta feira de Artes.

Referências

_____. *ABNT. Institucional*. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br>>. Acesso em: 25 mar. 2005.

_____. *Afinal o que é patrimônio cultural?* Disponível em: <<file:///C:/Users/Vicente/Downloads/AULA%2001%20Apresentacao%20conc%20patrimoni%20o.pdf>>. Acesso em 06/abr/2016.

_____. *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em 06/abr/2016.

_____. *Lei que muda nome de Embu para Embu das Artes, SP, é sancionada*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/09/lei-que-muda-nome-de-embu-para-embu-das-artes-sp-e-sancionada.html>>. Acesso em 06/abr/2016.

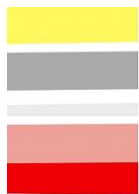
_____. *Mapa da Região Metropolitana de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.baixarmapas.com.br/sao-paulo-rmsp/>>. Acesso em 28/nov/2016.

_____. *Patrimônio Cultural*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>>. Acesso em 06/abr/2016.

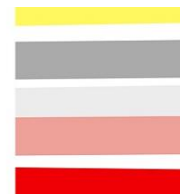
_____. *Plano Diretor de Drenagem de Embu*. Estância Turística de Embu, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Vicente/Downloads/04_minuta_drenagem.pdf>. Acesso em 06/dez/2016.

_____. *População Recenseada. Região Metropolitana de São Paulo e Municípios. 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010*. Disponível em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_recenseada_1950_10552.html>. Acesso em 06/abr/2016.

_____. *Portal Brasil. Iphan é responsável por preservar, divulgar e fiscalizar os bens culturais brasileiros*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/11/iphane>>.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



responsavel-por-preservar-divulgar-e-fiscalizar-os-bens-culturais-brasileiros>. Acesso em 11/nov/2015.

_____. *Região Metropolitana de São Paulo*. Disponível em: <<https://www.emplasa.sp.gov.br/RMSP>>. Acesso em 06/abr/2016.

_____. *Crescimento Populacional e Mobilidade na Região Metropolitana de São Paulo*. Acesso em: 06/dez/2016.

FERREIRA JR, Amarílio. *Educação Jesuítica no Mundo Colonial Ibérico (1549- 1768)*. v. 21, n. 78, p. 9-10, dezembro, 2007.

HUGHES-WARRINGTON, Marnie. *50 grandes pensadores da História*. São Paulo: Contexto, 2002.

JORDÃO, M.F. *Embu: terra das artes e berço de tradições*. São Paulo: Noovha América, 2004.

MELO, Marco A; FRANCO, Maria I. *Atlas socioambiental de Embu*. Prefeitura da Estância Turística de Embu, 2008. Disponível em: <http://www.embudasartes.sp.gov.br/secretaria/pagina/meio_ambiente/133>. Acesso em: 06/dez/2016.

PINSKY, Jaime. *As primeiras civilizações*. São Paulo: Contexto, 2001.

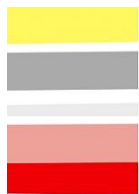
PRADO, Agostinho; OLIVEIRA, Andressa; CARVALHO, Noemi. *Plano Municipal de Turismo de Embu das Artes*. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em <<http://www.uel.br/projetos/ternopar/pages/arquivos/Plano%20Municipal%20de%20Turismo%20-%20Embu%20das%20Artes.pdf>>. Acesso em: 06/dez/2016.

RAMOS, Paulo; RAMOS, Magda Maria; BUSNELLO, Saul José. *Manual prático de metodologia da pesquisa: artigo, resenha, projeto, TCC, monografia, dissertação e tese*.

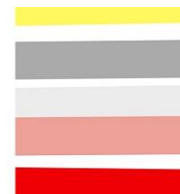
ROSA, Henrique S. J. *Os Jesuítas: de sua origem aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1959.

SOUSA, Rainer. *Patrimônio Histórico Cultural*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/patrimonio-historico-cultural.htm>>. Acesso em: 06/dez/2016.

TRINDADE Raquel. *Embu: De Aldeia de M'Boy a Terra das Artes*. São Paulo: Noovha América, 2010.



AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Recebido em: 10 de fevereiro de 2018.

Aprovado em: 24 de março de 2018.